



## Gênero, sexualidades e teoria queer: diálogos com a educação

Pensamos que as palavras “desejo” e “casualidade” sejam capazes de sintetizar o movimento que resultou no dossiê *Gênero, sexualidades e teoria queer: diálogos com a educação*, organizado para o segundo número da *Periódicus – revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades*. Após o lançamento do seu primeiro número no VII Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – ABEH –, em maio de 2014, na Universidade Federal do Rio Grande, os editores da Revista, Leandro Colling e Carlos H. Lucas Lima, talvez empolgados com a dimensão que os estudos sobre gênero, sexualidade e teoria queer assumiram na educação e se repercutiram no Congresso da ABEH, nos convidaram para organizar o segundo número da publicação. Era a possibilidade, criada no acaso por Colling e Lucas, para materializar o desejo do encontro que já existia entre nós.

Com esse dossiê, acreditamos que iremos, de alguma forma, contribuir com os intensos debates que buscam, nas finalidades sociais dos conhecimentos acadêmicos, os caminhos necessários à construção de um mundo no qual as diferenças não correspondam a desigualdades políticas. Mas, ao contrário, ofereçam e/ou potencializem ainda mais a sonhada liberdade ou a opção de criar novos tipos de liberdade e novas questões à vida. Nesse sentido, contribuir com esse espaço/dossiê de encontros significa, entre outras coisas, que os sujeitos que estão aqui construíram um contrato de “sororidad<sup>1</sup>” que, diferentemente daquele definido pelos frateros na Modernidade, buscou, com a produção de conhecimento, um campo político-intelectual de questionamentos aos limites da cidadania e da democracia.

De forma hegemônica, a cidadania, ao longo da Modernidade, foi um conceito que abarcou apenas um conjunto específico de sujeitos. Foram esses que prioritariamente tiveram acesso ao campo da política e da vida pública, à universidade e à definição de princípios epistemológicos que orientaram a constituição de saberes científicos, os mesmos que legitimaram o ideário do Sujeito Universal.

Com auxílio de Judith Butler, Beatriz Preciado, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guatarri, Guacira Lopes Louro, entre outros e outras, os/as autores/as dos artigos deste dossiê nos levam a questionar o ideário hegemônico que alicerçou a sexualidade e o gênero nos limites de anúncio do “Ser Moderno” marcado pela pele do homem branco, proprietário e judaico-cristão: o Sujeito

---

1 Para a feminista mexicana Marcela Lagarde o conceito “sororidad” se refere a uma nova experiência intelectual e política entre mulheres que pretende se materializar em ações específicas contra a opressão sexual. Aqui a utilizamos como recurso político em oposição a História da palavra fraternidade que está fortemente marcada pela lógica rousseaniana, entretanto, ampliamos seu entendimento para convidar a outros coletivos de sujeitos que também buscam destituir a lógica de governo da fraternidade moderna.

Universal – a base do sistema político-sexual heterossexual.

Como podemos verificar indiretamente nos artigos deste dossiê, o “Sujeito Universal” foi um ideal em disputa e uma ficção esquizofrênica que buscou alijar os sujeitos negros e indígenas, as bichas, as multiplicidades de mulheres e, por que não, os putos e putas, *machorras*, travas, *jotos* e *bolteras* da falaciosa cidadania elaborada na Modernidade. Em outras palavras, significa afirmar que, nesse cenário, se formou um círculo vicioso no qual vários coletivos de sujeitos foram excluídos e/ou proibidos de frequentar os espaços que garantiriam as condições necessárias para que pudéssemos participar efetivamente no mundo das políticas cidadãs. Não é por menos que nos ensina Foucault que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar (1996, p.10)<sup>2</sup>. Foram essas questões que se entrecruzaram de sentido para nós ao ler os artigos deste dossiê. Seus textos levaram-nos a pensar em Larrosa, quando ele diz que “a experiência e saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (LARROSA, 2002, p. 27)<sup>3</sup>. O que foi lido assumiu sentidos para nós. Atravessou-nos de significados. Sem dúvida, se constituíram em experiências.

Parece-nos que ao longo da História das Sociedades Ocidentais se conheceu muito mais a sexualidade pelo seu potencial de perigo do que por sua capacidade criativa. Conheceu-se muito mais a sexualidade por ameaçar a sociedade e suas instituições do que por ser ela reinventada continuamente pelas identidades sexuais. Talvez seja por isso que saibamos mais sobre a população LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais) do que a respeito da heterossexualidade, entendida como um “ethos” unificado; mais sobre as mulheres do que sobre os homens; mais sobre jovens e crianças do que sobre os adultos brancos e proprietários. Ou seja, conhecemos mais sobre a sexualidade daqueles e daquelas que, de algum modo, em nossas sociedades ocidentais, foram definidos/as como problemáticos/as e perigosos/as pelos hegemônicos.

Temos pensado, e esse dossiê nos evidencia o que iremos dizer, que, nas dimensões da cultura, parece estar em xeque a possibilidade de destituir a perspectiva de que os binômios sexuais (LGBTI x heterossexualidade, Homem x Mulher, etc.) se caracterizam como uma disposição inorgânica ou somente como um conjunto de comportamentos sexuais, estilos de vida e/ou identidades sociais facilmente definidas. A crítica ao discurso sobre a natureza das identidades sexuais reside no fato de encará-lo como um “lugar” simbólico, aberto a múltiplas incorporações, corporalidades, imagens e apresentações. “Lugar” em que se fala de estigma, de preconceito e de reconfigurações identitárias. Mas em que reside também o prazer, a potência, a irreverência, a transgressão e a mobilidade. Lugar de deriva, de uma contínua e árdua transformação dos/as outros/as e, sobretudo, de si.

No interior dos debates descritos até aqui, originou-se o número 2 da *Revista Periódicus* com o dossiê *Gênero, sexualidades e teoria queer: diálogos com a educação*. Para tanto, assumimos o

2 FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

3 LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, número 19, jan/fev/mar/abr 2002, p. 20 a 28.

prazeroso desafio e convidamos pesquisadores e pesquisadoras de reconhecida produção do campo da Educação para, conosco, assumir a tarefa de escrever o dossiê. Lançamos o convite aos membros do Grupo de Trabalho – GT 23 – da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED. O referido GT, nos seus onze anos de existência, é um importante espaço teórico-político para as discussões, comunicações, divulgações e socializações de pesquisas sobre sexualidades e gênero na educação de pesquisadores e pesquisadoras de todas as regiões do país. Não satisfeitos, resolvemos ampliar a festa que já se vivenciava com os textos iniciais que nos foram enviados por pesquisadores e pesquisadoras que integram o Grupo de Trabalho 23 da ANPED pelas redes sociais e, pelo *site* da *Revista Periódicus*, lançamos um convite público à Comunidade Acadêmica.

O convite esteve disponível até 31 de agosto de 2014 no *site* da *Periódicus* e voltava-se para pesquisadores e pesquisadoras que utilizavam, preferencialmente, os estudos queer para pensar a educação e vice-versa. As temáticas prioritárias sobre os impactos dos estudos queer no campo da educação foram incentivadas, entretanto, os textos sobre a promoção da cidadania e reconhecimento das diversidades e diferenças sexuais e de gênero também foram acolhidos para o dossiê. Com o convite, recebemos inúmeros artigos e ampliamos o intenso debate que já se anunciava com aqueles recebidos pelo GT 23 da ANPED.

Buscamos pensar a Educação nas suas diferentes áreas de produção de conhecimento, bem como em seus aspectos mais amplos, para além das instituições escolares. Dentre essas, podemos citar o âmbito do currículo, da formação docente, dos movimentos sociais (especialmente LGBTI) dentre outras. Com esta perspectiva, percebemos a potencialidade das escolas e dos movimentos sociais como espaços de produção de sentidos e identidades, de acordos e tensões que envolvem a diversidade sexual e o gênero em seus inúmeros arranjos culturais, políticos e econômicos, bem como pedagógicos.

De forma mais emergencial, tomamos o que acontece no interior das escolas e dos movimentos sociais, em suas múltiplas cotidianidades, como foco do dossiê. Porém, estamos trabalhando com o entendimento de educação como um processo mais amplo de constituição de sujeitos, atravessado por relações de poder. Propor um espaço como este significou para nós um investimento na ampliação das discussões, de forma que estivemos abertos/as a diferentes perspectivas analíticas. Ainda que os estudos queer tenham assumido contorno privilegiado em nossos interesses, nos valem de múltiplos olhares teórico-metodológicos que tomaram a sexualidade, o gênero e a educação como categorias a serem interrogadas.

Assim, em *Ninguém nasce homem, torna-se homem – as masculinidades no corpo e o corpo nas práticas curriculares das masculinidades*, em que Marcio Caetano, Paulo Melgaço da Silva Jr. e Jimena De Garay Hernandez, parafraseando Simone Beauvoir e “embalados”/as pelos Estudos Culturais e Estudos das Masculinidades, a partir da observação e as anotações de conversas informais consideradas significantes, percorrem os modos com que os jovens da periferia da cidade do Rio de Janeiro construíram suas performances masculinas, os tornando sujeitos inteligíveis nas escolas.

Em *Outras falas sobre gênero e sexualidade na escola*, de Denise Bastos de Araújo, os pressupostos dos movimentos feministas e queer são reivindicados para refletir algumas dificuldades da escola em abordar as questões de gênero e sexualidade na contemporaneidade. Essa preocupação vai justamente se confrontar com os processos de construção social da heterossexualidade compulsória, que tem como resultados a exclusão de estudantes que se encontram à margem da norma.

No artigo *Sobre la hermenéutica genitalista y sus autenticaciones sexo-genéricas: reflexiones pedagógicas para una crítica de sus condiciones institucionales de perpetuidad*, Juan Enrique Péchin recupera a natureza performativa das chamadas pedagogias queer através da etnografia crítica. Com o objetivo de propor uma série de reflexões pedagógicas sobre a institucionalização do sistema sexo-gênero, o artigo analisa o impacto e os desafios das novas leis sobre o casamento, independentemente do sexo de seus cônjuges (2010) e da identidade de gênero (2012) em relação ao Programa Nacional de Educação Sexual Integral em vigor desde 2006 na Argentina.

No artigo *Educar para a emancipação humana: o papel atual da escola e a busca por políticas LGBT no ambiente escolar*, Breno Soares Cavalcante aborda como a escola passou a ser uma ferramenta indispensável para a manutenção da opressão LGBT dentro da sociedade centrada no conflito de classes. Além disso, identifica os entraves e propõe medidas de enfrentamento à invisibilidade que o público LGBT está submetido no ambiente escolar.

Já com Cláudia Maria Ribeiro, no texto *No labirinto da educação infantil: as falas de educadoras sobre gênero e sexualidade* buscou-se problematizar as falas de educadoras que atuam na Educação Infantil concebendo-as como enunciados. Orientada por diversas perguntas, a autora transita pelos discursos legais, científicos, médicos, morais, religiosos, educacionais, jurídicos que se engalfinham na Educação Infantil de modo a desafiar a capacidade para pensar as multiplicidades e as interconexões desses discursos no cotidiano da Educação Infantil.

A partir dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, com o apoio de metodologias de cunho etnográfico, Juliana Ribeiro de Vargas e Maria Luisa Merino Xavier tomaram a sexualidade e ostentação/consumo como categorias analíticas no artigo *A feminilidade em discurso: mídias musicais contemporâneas produzindo modos de ser jovem e mulher* e nos apresentaram modos como as mídias musicais atravessam experiências de ser aluna jovem na contemporaneidade.

No artigo *Pobres meninas 'ricas' com a gravidez*, Maria Simone Vione Schwengber analisa a experiência [da gravidez] em adolescentes em situações de pobreza. Em suas análises, o acontecimento da gravidez está atravessado pela busca de afirmação da própria existência das adolescentes. Assim, embora almejem romper com a tradição de sua família, acabam por intensificar a história familiar, reforçando a tradição do mito do amor materno.

Já Karina Mirian da Cruz Valença Alves, em *A subjetivação da mãe naturalista como modelo: a maternidade como efeito das pedagogias culturais*, procura dar visibilidade a diferentes discursos e enunciados que, enfocando a mulher na contemporaneidade, visam produzir um modo instituinte

de ser mãe apoiado em um conjunto de injunções que posicionam a maternidade no centro do processo de subjetivação da mulher.

Já Roney Polato, no seu artigo *Formação docente para as relações de gênero e sexualidades: problematizando a heteronormatividade no Ensino Superior*, apresenta sua pesquisa de doutorado desenvolvida a partir da disciplina que ministra em um curso de pedagogia. Tomando como embasamento principal a perspectiva de estudos sobre as sexualidades e relações de gênero inspirados no referencial foucaultiano e pós-estruturalista, o artigo problematiza a heteronormatividade a partir das narrativas das estudantes, supondo que os discursos são constituidores de sujeitos e de tecnologias de si.

Neil Franco, em *Olhares sobre a sexualidade do/a docente homossexual na escola* debate a experiência docente através da pergunta: o/a professor/a homossexual deve permitir que os/as alunos/as saibam como ele/ela vive a sua sexualidade? Este questionamento, realizado a setenta e três docentes da Educação Básica, buscou compreender e problematizar aspectos da constituição identitária de professores/as que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero.

Tendo a escola como foco de análise, Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, em *Corpo e sexualidade: experiências em salas de aula de Ciências* cartografou, a partir da interlocução com autores como Deleuze, Guattari e Foucault, a localização daquilo que professoras e professores em salas de aula, no trabalho com a disciplina de Ciências, nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, apontam como “problemas” no diálogo com as crianças sobre corpo e sexualidade. Rodrigo Borba e Fátima Lima também acionam os três filósofos franceses, em diálogo com os estudos queer, para pensar uma educação rizomática “que invista na desaprendizagem, na política menor e nas multiplicidades”. O resultado está em *Por uma educação rizomática: sobre as potências queer, a política menor e as multiplicidades*.

Fechando o dossiê, as pesquisadoras Cláudia Maria Ribeiro e Constantina Xavier Filha, no artigo *Trajetórias teórico-metodológicas em 10 anos de produção do GT 23 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd*, analisam e problematizam os trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho (GT 23) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd, em dez anos de existência.

São Paulo/SP e Pelotas/RS, 30 de novembro de 2014.

Prof. Dra. Constantina Xavier Filha<sup>4</sup> (UFMS)

Prof. Dr. Marcio Caetano<sup>5</sup> (FURG).

4 Professora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, atua na Unidade de Educação e na Pós-Graduação CPAN/UFMS; doutora em Educação, líder-coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero – GEPSEX –, coordenadora dos GTs 23 da Anped Nacional e da Anped Centro-Oeste; cursa estágio de pós-doutorado na Unicamp com orientação do prof. Dr. Sílvio Gallo (de abril de 2014 a abril de 2015). [tinaxav@terra.com.br](mailto:tinaxav@terra.com.br)

5 Doutor em Educação, professor de Políticas Públicas da Educação e da Pós-Graduação em Educação do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande. Líder do Nós do Sul: Laboratório de Estudos e Pesquisas Sobre Currículo. Foi Secretário Executivo da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura. [mrvcaetano@gmail.com](mailto:mrvcaetano@gmail.com)